UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS

BRUNA DE SOUZA SANTOS

O SUJEITO-USUÁRIO *BOOKSTAN* NO ESPAÇO ENUNCIATIVO INFORMATIZADO TWITTER: A FORMULAÇÃO DE SENTIDOS NO *BOOKTWITTER*

Recife
2022

BRUNA DE SOUZA SANTOS

O SUJEITO-USUÁRIO *BOOKSTAN* NO ESPAÇO ENUNCIATIVO INFORMATIZADO TWITTER: A FORMULAÇÃO DE SENTIDOS NO *BOOKTWITTER*

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de Graduação em Letras – Bacharelado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Letras.

Orientador: Prof.ª Dra. Evandra Grigoletto

Recife
2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Santos, Bruna de Souza.
O sujeito-usuário bookstan no espaço enunciativo informatizado Twitter: a formulação de sentidos no booktwitter / Bruna de Souza Santos. - Recife, 2022.
59

Orientador(a): Evandra Grigoletto
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Letras - Bacharelado, 2022.

1. Análise do Discurso. 2. Sujeito. 3. Sentidos. 4. Twitter. I. Grigoletto, Evandra. (Orientação). II. Título.

410 CDD (22.ed.)

BRUNA DE SOUZA SANTOS

O SUJEITO-USUÁRIO BOOKSTAN NO ESPAÇO ENUNCIATIVO INFORMATIZADO TWITTER: A FORMULAÇÃO DE SENTIDOS NO BOOKTWITTER

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Letras da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Letras.

Data:____/____/ _____

Orientador/a

Prof.ª Dr.ª Evandra Grigoletto

Universidade Federal de Pernambuco

Examinador/a

Prof.ª Dr.ª Fernanda Correa Silveira Galli

Universidade Federal de Pernambuco

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Eliene de Souza e Genes José, por todo amor e por todos os ensinamentos.

Ao meu irmão, Breno José, por todo amor, amizade, e por sempre estar presente, mesmo estando do outro lado do mundo. Obrigada por acreditar em mim.

Ao meu tio, Nelson Raimundo, por sempre se orgulhar de mim. Obrigada pelos ensinamentos.

Às amigas que fiz na graduação, Ana Beatriz e Ana Carolina, por me acompanharem nessa jornada. Vocês foram a melhor companhia que alguém poderia ter. Obrigada por estarem comigo em momentos inesquecíveis.

À minha amiga, Márjori Thays, pela amizade de anos. Obrigada por caminhar comigo desde o ensino fundamental ao ensino acadêmico.

Ao meu namorado, Luan Xavier, por todo amor, amizade e companheirismo. Eu que nem de tantos acertos, não errei em te ter no peito.

À minha orientadora, Evandra Grigoletto, pela orientação e pela supervisão dos estágios. Obrigada por me ajudar a dar os primeiros passos nessa pesquisa.

“A jornada foi infernal, mas me levou até o paraíso”.

(Taylor Swift)

RESUMO

Com o avanço da Internet, novas tomadas de posição do sujeito e novos sentidos começam a circular nas redes sociais. Diante disso, este trabalho tem como intuito identificar como os sujeitos-usuários *bookstans*, inscritos na rede social Twitter, se posicionam e se auto representam enquanto bookstans, buscando compreender os sentidos que daí decorrem. Além disso, pretendemos analisar o modo como o *booktwitter* se constrói em termos discursivos. Para isso, consideramos como aporte teórico a Análise do Discurso de linha francesa, que mobiliza a noção de discurso e a noção de sujeito. Também consideramos o Twitter como um espaço enunciativo informatizado (GALLO; SILVEIRA, 2017), que passa por uma normatização tecnológica específica (GALLO, 2017). Na metodologia proposta, realizamos uma análise qualitativa de cunho descritivo explicativo. A análise se dá através de tuítes e perfis de sujeitos-usuários, a fim de identificar como os sujeitos-usuário *bookstans* do Twitter se posicionam enquanto *bookstans* e seus modos de subjetivação, além de evidenciar suas práticas discursivas. Dessa maneira, leva-se em conta o *bookstan* como uma tomada de posição (INDURSKY, 2002) do sujeito-usuário do Twitter, em que o discurso desses sujeitos passam por processos próprios de um espaço enunciativo informatizado, como a normatização e midiatização, caracterizando um discurso de escritoralidade (GALLO; SILVEIRA, 2017). Por fim, consideramos o *booktwitter* um espaço enunciativo próprio do espaço enunciativo informatizado Twitter, isto é, um espaço do *bookstan*.

Palavras-chave: Análise do Discurso. Sujeito. Sentidos. Twitter

ABSTRACT

With the advancement of the Internet, new positions of the subject and new meanings begin to circulate in social networks. Therefore, this work aims to identify how the subjects-users bookstans, registered in the social network Twitter, position themselves and represent themselves as bookstans, seeking to understand the meanings that arise from it. In addition, we intend to analyze the way in which booktwitter is constructed in discursive terms. For this, we consider as a theoretical contribution the theory of French Discourse Analysis, which mobilizes the notion of discourse and the notion of subject. We also consider Twitter as a computerized enunciative space (GALLO; SILVEIRA, 2017), which undergoes a specific technological standardization (GALLO, 2017). In the proposed methodology, we carried out a qualitative analysis of an explanatory descriptive nature. The analysis takes place through tweets and profiles of subject-users, in order to identify how the subjects-users of Twitter bookstans position themselves as bookstans and their modes of subjectivation, in addition to highlighting their discursive practices. In this way, bookstan is taken into account as a position (INDURSKY, 2002) of the subject-user of Twitter, in which the discourse of these subjects undergoes processes typical of a computerized enunciative space, such as normatization and mediatization, characterizing a discourse of writing (GALLO; SILVEIRA, 2017). Finally, we consider booktwitter an enunciative space proper to the computerized enunciative space Twitter, that is, a space of bookstan.

Keywords: Discourse Analysis. Subject. Senses. Twitter.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO **9**

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA **12**

2.1 Análise do Discurso: conceitos basilares 12

2.2 Considerações sobre o discurso 15

2.3 A noção de sujeito 18

2.4 Espaços enunciativos informatizados 23

3 PROCESSOS METODOLÓGICOS **27**

3.1 O Twitter: origem e funções 28

4 ANÁLISE: A posição sujeito-usuário bookstan e o booktwitter: as movimentações de sentidos no Twitter **31**

4.1 Bookstans **31**

4.2 Booktwitter **52**

5 CONCLUSÕES **57**

REFERÊNCIAS **59**

1 INTRODUÇÃO

Com o aumento da tecnologia com foco na comunicação, o fácil acesso da sociedade a grandes quantidades de informações vem crescendo de forma considerável. Percebe-se que grande parte desse fácil acesso foi alavancado pelo surgimento e explosão da Internet.

Falar sobre essa tecnologia implica levar em conta as condições de produção de uma nova discursividade afetada e mediada pela tecnologia, sustentada pela possibilidade de interação e acessibilidade infinita. Com isso, são criados espaços virtuais — lidos como espaços enunciativos informatizados (GALLO E SILVEIRA, 2017) — como as redes sociais, onde o sujeito pode deixar suas marcas e colocar em movimento a produção de sentidos.

O Twitter é um bom exemplo disso. A partir dos fenômenos que perpetuam neste espaço — que partem de seus sujeitos-usuários — que esta pesquisa é determinada. A rede social Twitter apresenta como traço a particularidade de colocar em circulação dizeres simples e curtos, delineados pela rápida e curta troca de mensagens que, a todo momento, são atualizadas e que podem ser realizadas por diferentes dispositivos tecnológicos, como o computador, tablet, celular, etc.

A plataforma digital pode ainda ser definida como microblog, em que um dizer é atualizado, replicado, retomado e estruturado por uma quantidade pequena de caracteres, criando uma limitação de espaço para a escrita. Inscrevem-se aí diversas abreviações, gírias, vocábulos e até mesmo gêneros textuais multimodais, cujos sentidos e seus efeitos são criados por determinados agrupamentos de sujeitos, configurando-se como práticas discursivas.

Esses agrupamentos são amplamente encontrados no Twitter, e o chamado *booktwitter* (abreviações: booktt ou booktwt) é um exemplo disso. O *booktwitter* é uma espécie de espaço, isto é, um fenômeno que acontece dentro do próprio Twitter. O *bookstan*, de maneira sucinta, se identifica com pessoas que gostam de ler e que se consideram fãs de leitura e literatura. Além disso, é importante ressaltar que o discurso *bookstan* não é próprio do Twitter; mas também é encontrado em outros espaços enunciativos informatizados nos quais circula, a partir de parâmetros próprios de cada um desses espaços.

Além disso, devemos levar em consideração que, em um espaço como o Twitter, a linguagem passa a ter um funcionamento normatizado (GALLO, 2017) muito próximo do discurso da oralidade e também com os benefícios do discurso de escrita (GALLO, 2012), configurando-se, assim, um discurso de escritoralidade (GALLO E SILVEIRA, 2017). Dessa forma, é possível visualizar que essa linguagem do Twitter, que tem como característica poucas letras, marca a temporalidade do on-line na própria língua, justamente pelo modo de dizer próprio da rede social: rápido, curto e interativo.

Do ponto de vista da AD, temos um espaço discursivo heterogêneo, em que o sujeito-usuário marca seu modo de dizer, atribui-se a si mesmo uma biografia como atrativa ao outro na rede e “pede”, o tempo todo, a resposta dos outros, que podem segui-lo para continuar a circulação de seu dizer. Os sujeitos que participam do *booktwitter*, chamados *bookstans*, são exemplos disso.

Partindo dessa contextualização, a questão principal dessa pesquisa é entender como os movimentos de sujeitos(s) e sentido(s) se produzem nesse espaço. Assim, essa pesquisa tem como objetivo analisar as tomadas de posição dos sujeitos intitulados *bookstans* do *booktwitter* no espaço enunciativo informatizado Twitter e os efeitos de sentidos daí decorrentes. Além disso, analisar perfis e tuítes desses sujeitos para entender como eles se identificam e se auto representam enquanto bookstans, a partir de suas práticas discursivas. Pretendemos também identificar as diferenças dos perfis de sujeitos-usuários que se auto declaram *bookstans* para outros sujeitos-usuários do Twitter, bem como abordar o *booktwitter* como um espaço enunciativo informatizado dentro do próprio Twitter, isto é, um espaço de dizeres no Twitter originado pelos *bookstans* desse espaço enunciativo.

Como justificativa para realização dessa pesquisa, consideramos que o Twitter é uma rede social em que seus sujeitos-usuários multiplicam os sentidos de modo viral. Pode ser encontrado diversos espaços de dizeres dentro do próprio Twitter; temos como exemplo o *blacktwitter*, o *transtwitter*, o *nativetwitter* (ou black twitter, trans twitter, native twitter) e vários outros espaços de dizeres. O *booktwitter* é considerado um desses espaços. Foi observando as especificidades e as evidências de práticas e identificação dos sujeitos desse espaço e seus efeitos de sentidos que esta pesquisa torna-se importante para os estudos discursivos.

Este agrupamento de usuários do Twitter é, sobretudo, um fenômeno que acontece dentro do Twitter, em que os dizeres que partem dos sujeitos-usuários denominados *bookstans* são dizeres que estão presentes para qualquer usuário visualizar, mas seus sentidos não são entendidos por qualquer um. Isso significa que os *bookstans* são sujeitos-usuários que dizem para outros sujeitos-usuários, mas restritamente para aqueles que se posicionam como *bookstans*.

Apesar de serem encontrados em outros espaços enunciativos informatizados, os *bookstans* criam uma dinâmica de funcionamento diferente no Twitter, justamente pelo formato oferecido pela rede social. Dessa forma, os *bookstans* são sujeitos-usuários que imprimem suas práticas sociais nas mídias digitais. Trata-se, então, de um estudo que, ao analisar esses sujeitos, responde como esses sujeitos se constituem.

Entendemos que é a teoria da Análise do Discurso que vai melhor abordar e ajudar na compreensão do tema em questão. A AD trata da noção de sujeito, que é de grande importância para os estudos linguísticos, pois é uma noção tida como uma peça chave para a compreensão do funcionamento da linguagem/discurso. O sujeito, para a AD, é visto não como o sujeito empírico, ser humano individualizado, passível de generalizações ou categorizações, mas sim como sujeito de/à linguagem, ou seja, como uma posição no discurso (PÊCHEUX, 1969).

Assim, tomamos o sujeito como um ser posicionado no discurso, inserido em uma dada conjuntura sócio-histórica. Essa noção é extremamente importante para pensar as nuances do sujeito e a sua constituição no espaço digital. Diante disso e da compreensão de falta de pesquisas relacionadas aos fenômenos observados em espaços enunciativos informatizados — conceito proposto por Gallo (2017) —, esta pesquisa tem como relevância tratar a relação das redes sociais na formação dos sujeitos e suas práticas na sociedade, especificamente relacionado os discursos dos *bookstans* que aparecem no Twitter.

Por fim, evidenciar as formulações de dizeres presentes nesse espaço, observando os efeitos de sentido produzidos, apontando para como os discursos, que costumam ser constituídos pela história, pelo social e pela ideologia, possuem uma constituição diferenciada nesse espaço.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A Análise do Discurso (doravante AD) é um campo de estudo bastante amplo, que engloba discussões acerca do discurso, sujeito e seus desdobramentos. Por esse motivo, a AD torna-se o embasamento teórico mais pertinente para a realização desta pesquisa.

Dessa forma, para bem desenvolver o trabalho, apresentamos, primeiramente, os conceitos primordiais da Análise do Discurso, bem como a noção de discurso e sujeito. Depois, abordamos o conceito de espaços enunciativos informatizados, que será importante para a futura discussão sobre as tomadas de posição de sujeitos-usuários, denominados *bookstans* do Twitter, bem como entender o que é o *booktwitter* e os efeitos de sentidos decorrentes desse espaço.

2.1 Análise do Discurso: conceitos basilares

A Análise do Discurso é uma abordagem teórica da linguagem que teve origem na França, na década de 1960. O precursor dessa abordagem foi o filósofo da linguagem Michel Pêcheux, com a publicação de *Por uma análise automática do discurso* (doravante AAD-69), publicado em 1969, sendo o objeto de estudo dessa teoria o discurso. Em 1975, Pêcheux e Fuchs publicam *A propósito da Análise Automática do Discurso: Atualização e perspectivas* para retomar aspectos da teoria apontados na publicação do AAD-69.

Com isso, foi criado o quadro epistemológico da Análise do discurso. A AD ergue-se sobre três importantes pilares: os estudos da linguística de Ferdinand Saussure, o materialismo histórico de Marx, tal como pensado por Althusser, e a psicanálise de Freud, tal como pensada por Lacan. Pêcheux e Fuchs (1975) articulam sobre as três áreas de conhecimento, a saber:

> 1. o materialismo histórico, como teoria das formações sociais e de suas transformações, compreendida aí a teoria das ideologias;
> 2. a linguística como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação ao mesmo tempo;

> 3. a teoria do discurso, como teoria da determinação histórica dos processos semânticos. (PÊCHEUX;FUCHS, 1975, p. 164).

É importante citar que as três áreas de conhecimento que compõem o quadro epistemológico da AD perpassam e são articuladas pela teoria da subjetividade, isto é, pela teoria de "natureza psicanalítica" (PÊCHEUX E FUCHS, 1975, p. 164).

Para começar a entender a Análise do Discurso, é importante abordar o conceito de língua(gem) para a teoria. Para a AD, a língua não é concebida como apenas um sistema de regras formais, nem como um simples ato de fala ou instrumento de transmissão de informação (PÊCHEUX, 1995, p. 82). Dessa forma, a AD permite levantar questões contrárias ao formalismo teórico da linguagem, que nega a importância da exterioridade da língua. A AD, então, pressupõe o funcionamento da linguagem e coloca em jogo a relação entre sujeitos afetados pela ideologia e pela a história, criando um complexo processo de produção de sentidos.

A AD aborda a língua numa perspectiva discursiva, isto é, busca fatores exteriores à linguagem, como a ideologia e a história, associados aos elementos estruturais da língua. Portanto, segundo Orlandi (2005, p. 15), a Análise do Discurso: "não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso".

Isso significa que o objeto de estudo primordial da AD é o discurso. É com a investigação do discurso que "observa-se o homem falando" (ORLANDI, 2005, p. 15), sendo a língua uma ponte importante entre o homem e a sociedade. Desse modo, a língua não é vista como sistema abstrato, mas como meio de interação.

A Análise do Discurso critica a maneira como a Linguística e as Ciências Sociais percebem a linguagem. Em contrapartida, a AD não analisa a língua como um sistema fechado nela mesma, mas sim o discurso enquanto objeto sócio-histórico e, dessa forma, o fator linguístico funciona como pressuposto. Portanto, para trabalhar com a história e a sociedade, é preciso pensar que elas funcionam juntas, entrelaçadas, a fim de chegar à produção de sentidos.

É a produção de determinados efeitos de sentidos que permite entender como o discurso é orientado por determinados modos de ver e de pensar, considerando a posição do locutor no discurso. Sendo assim, todo discurso pressupõe uma troca de sujeitos em determinadas condições de produção, e o que determina as condições de

produção são as circunstâncias do discurso (PÊCHEUX, 1997). Ademais, como diz Orlandi (2005) são as condições de produção, chamadas também de interdiscursividade, que caracterizam o discurso e o constitui, tornando-o como objeto de análise.

A interdiscursividade é constitutiva de todo e qualquer discurso, já que se afirma que um discurso sempre nasce através de outros discursos. Nessa relação, é possível vislumbrar as práticas discursivas dos sujeitos. É por esse motivo que a teoria discursiva considera a memória discursiva como condição de todo dizer.

A memória seria aquilo que engloba os dizeres já-ditos e também engloba sentidos que circularam em outros contextos históricos, sustentando sentidos já ditos e até mesmo esquecidos ou impossíveis de dizer. Esses sentidos podem ser verbais e não verbais, implícitos e explícitos. Sendo assim, a memória configura-se como essencial, pois é componente que tange o embate entre as forças ideológicas que objetivam restabelecer os implícitos. Dessa forma, é importante entender que, nesse sentido, a memória não deve ser entendida como memória individual, “mas nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída do historiador” (PÊCHEUX, 1999, p. 50).

Dessa maneira, é determinada a emergência dos discursos através da enunciação dos sujeitos do discurso. Pensando em sujeitos, é possível identificar a contribuição da Psicanálise para a AD, que desloca a noção de sujeito da teoria psicanalítica para a teoria discursiva.

Considerando a noção de sujeito da teoria psicanalista, Michel Pêcheux (1975), iniciador dos estudos discursivos, conceitua que não existe discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia. Isso significa que ambos dependem um do outro para se materializarem, levando em conta que a materialidade da ideologia é o discurso e a materialidade do discurso é a língua(gem). Portanto, “estando os processos discursivos na fonte da produção dos efeitos de sentido, a língua constitui o lugar material onde se realizam estes efeitos de sentido” (PÊCHEUX e FUCHS, 1975, p.172).

Além disso, a ideologia, na Análise do Discurso, é responsável pela constituição do sujeito e dos sentidos. Em outras palavras, isso significa que os seres humanos que formulam o discurso só são sujeitos porque a ideologia os interpela de maneira

involuntária e imperceptível. A interpelação da ideologia, segundo Magalhães e Mariani (2010, p. 391) “produz assujeitamento e isso ocorre em qualquer época histórica, em quaisquer que sejam as condições de produção, pois resulta da inscrição do sujeito no simbólico".

Considerando o que foi dito por Orlandi (2005), a ideologia não é algo individual de cada ser humano. Segundo a autora, "pela interpelação ideológica do sujeito inaugura-se a discursividade." (ORLANDI, 2005, p. 48).

De maneira geral, Orlandi (2005) resume os conceitos da Análise do Discurso desse modo:

> a. a língua tem sua ordem própria mas só é relativamente autônoma (distinguindo-se da Linguística ela reintroduz a noção de sujeito e de situação na análise da linguagem);
> b. a história tem seu real afetado pelo simbólico (os fatos reclamam sentidos);
> c. o sujeito da linguagem é descentrado pois é afetado pelo real da história, não tendo o controle sobre o modo como elas os afetam. Isso redunda em dizer que o sujeito discursivo funciona pelo inconsciente e pela ideologia. (ORLANDI, 2005, p. 19).

Portanto, é notável que a Análise do Discurso é uma teoria que pretende abordar o discurso e os processos de produção de sentido, a partir do momento em que é produzido. Orlandi (2005, p. 17) coloca que o objetivo da AD é mostrar que o discurso é “o lugar em que se pode observar a relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentido por/para os sujeitos”. Dessa maneira, o discurso é uma prática integrante da atividade social que pode ser analisada e interpretada, a partir da enunciação do sujeito discursivo.

2.2 Considerações sobre o discurso

Como bem dito, o principal objeto de estudo da AD é o discurso. O discurso, para a AD, deve ser tomado como efeito de sentidos, concebendo a linguagem como uma relação entre sujeitos e sentidos, e a relacionando com a história. Pêcheux (1995) escreve que o discurso não é necessariamente uma transmissão de informação entre os interlocutores, mas um efeito de sentidos entre eles.

Para a AD, as palavras são sempre passíveis de serem ressignificadas, pois elas não se enquadram em um esquema fechado; são imprevisíveis, dependem das

condições históricas e das posições dos sujeitos. Portanto, é possível dizer que os sentidos nunca são concretos e nunca se dão em definitivo.

Além disso, vale ressaltar que, mesmo que os discursos abriguem uma pluralidade de ideias e de pontos de vista, isso não é suficiente para que haja uma democratização dos discursos. Não basta as ideias estarem lá depositadas, é preciso que elas circulem e se materializem.

Diante disso, é importante trazer à tona um dos temas mais pulsantes desenvolvidos na teoria da Análise do Discurso de linha francesa, que é a questão da formação discursiva. A formação discursiva é o que ordena o que pode ou deve ser dito sob as condições sócio-históricas, sendo atravessada por outras formações discursivas (FDs). Ou seja, a formação discursiva nunca é homogênea. Dessa forma, as FDs podem ser compreendidas como inúmeros discursos que foram ditos de alguma forma anteriormente. De acordo com Pêcheux, a formação discursiva é:

> aquilo que, numa conjuntura dada, determinada pelo estado de luta de classes, determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc. (PÊCHEUX, 1995, p. 160).

Nessa perspectiva, o discurso é compreendido pela Análise do Discurso como a materialidade do processo enunciativo, cuja materialidade se concretiza pela ligação da língua com a história, isto é, a partir de uma posição-sujeito estabelecida em um determinado momento sócio-histórico. É esse determinado momento sócio-histórico que vai designar o que pode e deve ser dito, dando sentido aos saberes da FD em que são produzidos. Segundo Pêcheux (1995, p.160):

> o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe “em si mesmo” (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões, proposições, etc, são produzidas (isto é, reproduzidas). Poderíamos resumir essa tese dizendo: as palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que a empregam (PÊCHEUX, 1995, p, 160).

Sendo assim, uma palavra pode conter diversos efeitos de sentidos, dependendo do lugar sócio-ideológico dos sujeitos que a enunciam. É a partir da enunciação que há a interpelação de várias vozes dos mais diversos sujeitos. Essas

vozes são sociais e são atravessadas por ideologias, que se revelam através das práticas sociais dos sujeitos.

Conforme a AD, os sentidos são efeitos determinados pelas formações ideológicas (doravante FIs) que atravessam certo momento sócio-histórico em que as palavras são produzidas. Isso significa que as formações ideológicas têm como um de seus elementos uma ou muitas formações discursivas, que estão interligadas. Conforme Pêcheux (1995, p. 161) “toda formação discursiva dissimula, pela transparência do sentido que nela se constitui, sua dependência com respeito ao “todo complexo com dominante” (interdiscurso) das formações discursivas, intrincado no complexo das formações ideológicas”. Sendo assim, os sujeitos do discurso são interpelados pelas formações discursivas e os discursos são comandados por uma formação ideológica (FI) ou diversas formações ideológicas (FIs), produzindo sentidos.

Segundo Orlandi (2005, p. 43) “tudo que dizemos tem, pois, um traço ideológico em relação a outros traços ideológicos. E isto não está na essência das palavras, mas na discursividade, isto é, na maneira como no discurso, a ideologia produz seus efeitos”. Portanto, uma FI sempre está relacionada à outra força ideológica, bem como uma FD sempre se relaciona com outros discursos.

Dessa maneira, pode-se entender que objetos simbólicos são produzidos a partir de uma heterogeneidade de sentidos, em que a ideologia que interpela o sujeito é capaz de produzir evidências e também torna possível realizar as mais diversas interpretações.

Portanto, quando se trata de discursos, devemos estar atentos às condições de produção e ao dispositivo de comunicação responsável pela formulação e circulação do dizer. E quando se fala em sujeito, devemos pensar nos enunciados que os indivíduos produzem atuando em situações sociais, nas quais assumem posições no discurso. Levando em consideração o exposto, na próxima seção, abordaremos a noção de sujeito.

2.3 A noção de sujeito

A AD trata da noção de sujeito, que é de grande importância para os estudos linguísticos, pois é uma noção que funciona como peças chaves para a compreensão do funcionamento do discurso.

A construção do sujeito é um complexo processo, levando em conta a linguagem como interação entre interlocutores, que gera tensão, isto é, disputa e debate no que tange ao campo do discurso. Com isso, cada interlocutor tem um lugar social que é evidenciado na construção do discurso. Esse lugar social é resultado desse complexo processo de construção do sujeito.

Nesse sentido, o sujeito, para a AD, é visto não como o sujeito empírico, ser humano individual (INDURSKY, 2002, p. 10), mas sim como sujeito da linguagem, com um “lugar determinado numa estrutura social”, ou seja, com uma posição no discurso (PÊCHEUX, 1969).

Uma noção importante para pensar na questão do sujeito é a noção de subjetividade. Eni Orlandi, precursora da Análise do Discurso no Brasil, afirma que a ideia da subjetividade “pode interessar, discursivamente, pelo fato de que ela permite compreender como a língua acontece no homem” (ORLANDI, 2002, p. 65). Além disso, a autora informa que “o acontecimento significante que é o discurso tem a noção de subjetividade como um lugar teórico fundamental” (ORLANDI, 2002, p. 65).

A subjetividade é constituída através de um “duplo movimento” (MAGALHÃES; MARIANI, 2010, p. 392). Primeiro, o movimento “Indivíduo 1” em que o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia, depois o movimento “Indivíduo 2”, em que acontece o “estabelecimento (e o deslocamento) das formas de individua(liza)ção do sujeito em relação ao Estado.” (ORLANDI, 2001, p. 106 apud MAGALHÃES;MARIANI, 2010, p. 392). Dessa maneira, “o movimento pendular de passagem de 1 para 2 supõe uma inscrição no simbólico [...] ou seja, na linguagem enquanto lugar de produção de sentidos, no qual a história e a cultura intervêm" (MAGALHÃES;MARIANI, 2010, p. 393).

No que se refere à noção de sujeito, Pêcheux propõe uma “teoria não subjetiva da subjetividade” para tratar dessa noção (INDURSKY, 2002), trazendo à tona duas noções importantes para pensar na construção do sujeito: o inconsciente e a ideologia. Para Pêcheux, o sujeito é, no que se refere à psique, inconsciente. Já, a ideologia funciona na interpelação do sujeito, se revelando em suas práticas sociais. Isso

significa que, para a AD, “o sujeito é interpelado ideologicamente, mas não sabe disso e suas práticas discursivas se instauram sob a ilusão de que ele é a origem de seu dizer e domina perfeitamente o que tem a dizer. (INDURSKY, 2002, p. 11).

Segundo Pêcheux (1988, p. 161 APUD INDURSKY, 2002, p. 11), é possível vislumbrar que “os indivíduos são interpelados em sujeitos de seu discurso pelas formações discursivas que representam na ‘linguagem’ as formações ideológicas que lhes são correspondentes”. Dessa forma, o sujeito tem sua constituição através da formação discursiva, o que demonstra o funcionamento do sujeito no discurso (INDURSKY, 2002, p. 11).

Além disso, Pêcheux (1988, p. 163 APUD INDURSKY, 2002, p. 11) vai colocar que “a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina (isto é, na qual ele é constituído como sujeito)”. Essa identificação do sujeito com a FD que o domina é nomeada de forma-sujeito.

A forma-sujeito resulta das modalidades da tomada de posição (INDURSKY, 2002, p. 12), que, por sua vez, resultam da (des)identificação da relação do sujeito enunciador com a forma-sujeito, que regula o que pode/deve ser dito na FD. A primeira modalidade de tomada de posição diz respeito à uma “identificação plena do sujeito do discurso com a forma-sujeito da FD que afeta o sujeito do discurso” (INDURSKY, 2002, p. 12).

Segundo Indursky (2002, p. 12) essa tomada de posição, para Pêcheux, reflete numa “unicidade imaginária do sujeito”. Dessa maneira, quando acontece essa primeira tomada de posição, é produzido o efeito-sujeito (PÊCHEUX, 1988, p. 163 APUD INDURSKY, 2002, p. 13), isto é, o sujeito acredita ser único e detentor de seu dizer. É por esse motivo que a unicidade do sujeito é imaginária.

A partir do que se entende por unicidade imaginária, Pêcheux sugere mais duas modalidades de tomada de posição. Em contrapartida à primeira modalidade, que consiste no sujeito que se identifica plenamente com a forma-sujeito da FD que o afeta, a segunda modalidade de tomada de posição consiste no sujeito do discurso que “através da tomada de posição, se contrapõe à forma-sujeito que organiza os saberes da FD com a qual o sujeito do discurso se identifica“ (INDURSKY, 2002, p. 13).

Ou seja, a segunda modalidade de tomada de posição tem como característica a contra-identificação do sujeito do discurso com a forma-sujeito da FD que o domina. Dessa forma, a primeira modalidade tem como característica o que Pêcheux chama de bom sujeito, enquanto a segunda modalidade tem como característica o mau sujeito, "que se permite duvidar, questionar os saberes e não simplesmente republicá-los, como ocorre na primeira modalidade" (INDURSKY, 2002, p. 13). Com isso, tem-se um desdobramento na forma-sujeito que determina a formação discursiva (FD) e, por sua vez, a formação discursiva pode ser caracterizada como constitutivamente heterogênea.

Pêcheux vai adicionar, além dessas duas modalidades, uma terceira modalidade, referente à desidentificação do sujeito (INDURSKY, 2002, p. 14). Nessa terceira modalidade, o sujeito é dotado de uma tomada de posição não-subjetiva. Segundo Indursky (2002, p. 14), o sujeito discursivo para de se identificar com uma formação discursiva e sua forma-sujeito e passa a se identificar com outra formação discursiva e com a forma-sujeito derivada dessa formação.

Entretanto, vale ressaltar que o sujeito discursivo não se torna livre e dono do seu discurso, a partir do momento em que se desidentifica com uma formação discursiva que o dominava antes, pois, segundo Pêcheux (1988, p. 2017-2018 apud Indursky, 2002, p. 14) a ideologia não some; ela continua funcionando através das formações ideológicas intrínsecas às formações discursivas presentes no processo de desidentificação do sujeito. Pêcheux também ressalta que, durante o processo de desidentificação, o sujeito não deixa de existir: "a repercussão consiste num trabalho na e sobre a forma-sujeito do discurso" (PÊCHEUX, 1988, p. 269 apud Indursky, 2002, p. 14).

De acordo com Indursky (2002, p. 15), a modalidade de desidentificação, que consiste em migrar de uma formação discursiva para outra, indica que o sujeito discursivo possui um certo grau de liberdade. Todavia, como todo sujeito é interpelado pela ideologia, ele estará sempre atrelado à alguma ideologia. Além disso, quando um sujeito deixa de se identificar com uma FD, significa que ele já se identifica, de maneira inconsciente, com saberes de outra formação discursiva.

Dessa forma, "o movimento de desidentificação é de mesma natureza que o movimento de identificação e se dá sob efeito de laço constitutivo, entre o inconsciente

e ideologia [...]" (INDURSKY, 2002, p. 15). Então, o desdobramento da forma-sujeito e formação discursiva estão ligados, já que:

> [...] em decorrência do desdobramento da forma-sujeito, pode-se entender que o sujeito da AD é um sujeito dividido e, em decorrência disso, a FD que o abriga passa a ser um domínio onde há espaço para a diferença e a divergência, tornando-se igualmente heterogênea, não idêntica a si mesma. (INDURSKY, 2002, p. 16)

Isto significa que a formação discursiva só é heterogênea devido ao desdobramento da forma-sujeito. Nesse sentido, uma formação discursiva homogênea só produz uma forma-sujeito permeada pela unicidade imaginária do sujeito; em contrapartida, uma formação discursiva heterogênea produz uma forma-sujeito igualmente heterogênea (INDURSKY, 2002, p. 16).

Indursky (2002, p. 18) introduz a ideia de uma fragmentação da forma-sujeito, que consiste na possibilidade de uma forma-sujeito se dividir em diversas tomadas de posições do sujeito. Um exemplo dessa fragmentação da forma-sujeito é quando Pêcheux coloca como característica da primeira modalidade de tomada de posição (da forma sujeito) o bom sujeito, enquanto a segunda modalidade é caracterizada pelo mau sujeito.

Diante da fragmentação da forma-sujeito, têm-se uma gama de diferentes posições do sujeito, produzindo um "espaço não só para o semelhante, mas também para o diferente, o divergente, o estranho, daí decorrendo uma formação discursiva heterogênea, cujo traço marcante é a contradição, que lhe é constitutiva" (INDURSKY, 2002, p. 18). Em outras palavras, o diferente, o divergente, o estranho etc, são algumas características de posições-sujeitos, que atuam dentro da formação discursiva. Por esse motivo, as posições-sujeitos são maneiras de se relacionar com a forma-sujeito e com a ideologia instaurada através da forma-sujeito (INDURSKY, 2002, p. 18).

Voltando para a noção de bom sujeito ou mau sujeito determinada por Pêcheux, é necessário pensar como essas noções vão se desdobrar a partir do que se entende por fragmentação da forma-sujeito. Segundo Indursky (2002, p. 18), "se há um conjunto de posições de sujeitos, e não apenas duas, apenas uma delas remete ao que Pêcheux designou de bom sujeito". Nesse sentido, essa posição-sujeito se mostra

dominante em relação às outras posições fragmentadas da forma-sujeito (INDURSKY, 2002, p. 18). Nessa perspectiva,

> [...] o sujeito do discurso, ao se identificar-se com uma FD, não mais o faz a partir de sua identificação com a forma-sujeito, pois esta é heterogênea e fragmentada. Em consequência disso, o sujeito se identifica com a FD através de uma das suas posições-sujeito e, por seu viés, com a forma-sujeito (INDURSKY, 2002, p. 18-19).

Levando em conta o que foi apontado em relação à fragmentação da forma-sujeito e a identificação com a posição-sujeito dominante (INDURSKY, 2002, p. 19), têm-se o desdobramento da noção nomeada de efeito-sujeito. O efeito-sujeito sugere que o sujeito toma para si uma posição-sujeito mais relevante, isto é, dominante em relação às demais posições-sujeito carregadas de saberes e instauradas na FD, em que o sujeito se identifica completamente com essa posição-sujeito e se torna o que Pêcheux chama de bom sujeito.

As demais posições-sujeito instauradas na FD vão possuir saberes que vão se afastando dos saberes organizados pela posição-sujeito dominante. Diante disso, tem-se o que Pêcheux denominou como mau-sujeito. Dessa forma, quando os saberes organizados das outras posições-sujeito de uma FD se distanciam dos saberes organizados pela posição-sujeito dominante, é criada uma tensão, que se estabelece pelo nome de “intersubjetividade falante”, segundo Pêcheux (INDURSKY, 2002, p. 19).

Além do mais, quando um sujeito se identifica com uma certa FD por decorrência dos saberes formulados por uma posição-sujeito diferente da posição-sujeito dominante, o sujeito também se constitui como mau-sujeito (INDURSKY, 2002, p. 19). Porém, nesse caso, o sujeito não se identifica completamente com a FD, “trazendo heterogeneidade, para o âmbito da forma-sujeito e da FD que ela organiza” (INDURSKY, 2002, p. 19).

Diante do exposto, é possível entender que a forma-sujeito é de natureza fragmentada. Devido à sua natureza fragmentada, o sujeito do discurso é impossibilitado de se identificar propriamente com a forma-sujeito. Para que o sujeito se identifique com a forma-sujeito, é necessário primeiro se identificar com o saber organizado de uma determinada posição-sujeito. Através dessa posição-sujeito, o sujeito irá se identificar com a forma-sujeito e com a formação discursiva que o representa (INDURSKY, 2002).

Portanto, levando em conta o desdobramento da forma-sujeito, é preciso considerar as condições de produção em que os sujeitos são afetados. Na próxima seção, discutimos a noção de espaços enunciativos informatizados, que são espaços que promovem novas formas de subjetivação e tomadas de posição do sujeito.

2.4 Espaços enunciativos informatizados

Graças ao advento das tecnologias e, consequentemente, à disseminação da Internet, os indivíduos adquiriram novos meios para se comunicar e tornar a interação no discurso mais prática e ágil. Dessa maneira, a AD possui como um de seus objetivos “compreender, na linguagem, de onde vem a voz que estamos ouvindo. Não no que se refere ao lugar físico, mas ao lugar discursivo". (GALLO, 2012, p. 55).

Dessa maneira, ao relacionar os conceitos da Análise do Discurso à tecnologia digital, isto é, para o(s) discurso(s) das mídias digitais; como os discursos que circulam nas redes sociais, entendemos que eles tendem a ser “materiais que têm seus sentidos abertos e fechados; legitimados para todo e qualquer leitor, e ao mesmo tempo, somente para alguns; são publicados de forma definitiva, mas ao mesmo tempo, fugaz” (GALLO, 2012, p. 55).

Ou seja, segundo Gallo (2012), os discursos que circulam nas redes sociais são discursos que passam por uma legitimação específica. O sentido é normatizado, mas não é um normatizado que funciona para todos, ou seja, não é normatizado para qualquer sujeito que utiliza as redes sociais e entra em contato com esses discursos.

É importante ressaltar que “a prática de linguagem com e pela escrita – uma tecnologia de linguagem – é um processo social, isto é, cuja sustentação não se dá autonomamente na relação com o funcionamento do Estado” (BARROS, 2016, p. 176). Isso significa que a linguagem “estabelece uma condição singular na produção do conhecimento/na constituição de sentidos a partir do que o sujeito pode (r)existir, vivenciar” (BARROS, 2016, p. 176).

Dessa forma, é possível pensar no processo de produção discursiva em que se constituem as mídias digitais, isto é, os meios permeados por uma materialidade digital[1]. A escrita no meio digital é “praticada numa historicidade que perpassa os

[1] Considera-se que a materialidade “existe em decorrência de uma produção (simbólica, significativa)” (BARROS, 2016, p. 177). Uma imagem publicada em rede social é um exemplo de materialidade digital.

espaços físico e digital, de modo a ser indubitavelmente importante nos processos de significação e de constituição dos sujeitos" (BARROS, 2016, p. 176).

Diante do exposto, pode-se pensar nas práticas discursivas que circulam nas mídias digitais. Para tal, é necessário debruçar-se sobre o conceito de escritoralidade. A escritoralidade é uma forma-discurso (GALLO; SILVEIRA, 2017) produzida em espaços enunciativos informatizados, que são explicados mais à frente.

A priori, em relação ao discurso de escrita, pode-se verificar, na materialidade escrita[2], o processo de legitimação sob a materialidade técnica gráfica. Segundo Gallo (2012, p. 55) isso ocorre porque o foco está em "uma discursividade escrita, e tudo o que não se parece com a escrita, legitimada, que conhecemos dos livros e das publicações, não vale como produção legítima".

Nesse sentido, pode-se verificar como exemplo a escrita que ocorre durante o processo de escolarização. Esses textos não são publicados e, de acordo com Gallo (2012, p. 55), essa escrita é considerada uma grafia e não exatamente uma escrita. Conforme a autora, essa escrita produzida na Escola – instituição do Estado – é "simplesmente a transcrição de uma oralidade (imaginária), que não chega a ser legitimada, que não chega a ser publicada, não chega a ter o efeito de autoria" (GALLO, 2012, p. 55). O efeito de autoria configura-se como:

> [...] efeito de um texto que se alinha a um lugar discursivo legitimado, reconhecível, sem que haja, para sua interpretação, necessidade do contexto imediato, porque o que está dito se alinha a uma discursividade recorrente, que faz com que ao lermos, re-conheçamos os sentidos. (GALLO, 2012, p. 55).

Já nos discursos de escritoralidade, é possível perceber o processo de midiatização que se verifica sob a materialidade técnica digital. Por um lado, os discursos de escritoralidade sempre foram marginais às instituições do Estado e ao efeito de legitimidade. Devido ao processo de midiatização, os discursos de escritoralidade são emancipados para o âmbito público, sem passar pelos rituais do discurso de escrita. (GALLO; SILVEIRA, 2017).

Dessa forma, os discursos das mídias digitais, isto é, os discursos de forma-discurso de escritoralidade, passam por uma normatização tecnológica

---

[2] Considera-se que a materialidade "existe em decorrência de uma produção (simbólica, significativa)"(BARROS, 2016, p. 177). Assim, a escrita é uma forma de materialidade.

específica (GALLO, 2017). Essa normatização tecnológica específica se dá porque o discurso de oralidade e o discurso de escrita se instalam em conjunto num mesmo espaço, sem que possuam alguma distinção.

Segundo Gallo (2012, p. 60) “nós temos aí um discurso de escrita, ao mesmo tempo com as características da oralidade, sem as exigências do discurso de escrita, mas ao mesmo tempo com os benefícios do discurso de escrita.” Portanto, essa forma-discurso inaugura-se em espaços discursivos. Esses espaços são chamados de espaços enunciativos informatizados (como, por exemplo, o Facebook, o Youtube, o Twitter, Instagram, TikTok, etc.), em que:

> O sentido é fechado, mas ao mesmo tempo é provisório; ele é publicado, mas ao mesmo tempo ele desaparece, de um momento para o outro; é legítimo, mas não é legítimo para todos, mas para um certo leitor. [...] Textos que podem ser acessados no mundo inteiro, embora o mundo não esteja interessado nessas publicações, mas tem um pequeno número de leitores que está. Então nós nos posicionamos como autores, com uma certa provisoriedade, porque também essas publicações não duram muito [...] (GALLO, 2012, p. 60).

Estes espaços promoveram a abertura da convergência tecnológica e midiática, pela qual o sujeito passa a interagir através dos diversos dispositivos de forma instantânea e reúne diversas informações provindas de diversos outros lugares, que são transmitidas de forma veloz e ampla. Assim, é possível postar mensagens instantâneas, disponibilizar fotos, vídeos, bem como interagir com o outro.

Diante disso, os espaços enunciativos informatizados são conhecidos popularmente por redes sociais. No que se refere às redes sociais, este trabalho tem como foco o espaço enunciativo informatizado Twitter. No Twitter — e nos mais diversos espaços enunciativos informatizados — a forma discursiva denominada de escritoralidade é produzida e implica numa materialidade técnica digital. Essa materialidade produz dizeres que passam por dois processos, chamados de normatização e midiatização:

> O primeiro, a normatização, torna possível a formulação de um dizer anônimo; o segundo, a midiatização, torna possível que esse dizer ganhe notoriedade pela quantificação (pensemos no crescimento exponencial de encaminhamentos que pode ter uma mensagem no WhatsApp, ou nos compartilhamentos de vídeos, postagens, tweets...). (GALLO, SILVEIRA, PEQUENO, 2019, p. 2).

Sendo assim, os espaços enunciativos informatizados, como o Twitter, produzem uma materialidade que é determinada por parâmetros próprios de normatização. Esses parâmetros são determinados com base na repetibilidade, visibilidade e quantidade da circulação (GALLO, 2016 apud GALLO; SILVEIRA, 2021) dos dizeres. Ou seja, são parâmetros próprios do digital, e que, a partir dessa propriedade, surgem tipos de sentido e determinações de sujeito (GALLO; SILVEIRA, 2017).

Por fim, tendo apresentando os pressupostos teóricos que fundamentam esse trabalho, seguimos para a próxima seção, na qual explicamos os processos metodológicos utilizados para realizar a pesquisa.

3 PROCESSOS METODOLÓGICOS

No que tange aos processos metodológicos, esta pesquisa tem natureza qualitativa, de cunho descritivo explicativo. Entendemos como qualitativa uma pesquisa que “trabalha com o universo de significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes.” (MINAYO, 2002, p. 21). É um tipo de pesquisa que se detém aos aspectos subjetivos dos fenômenos sociais e do comportamento humano. Dessa forma, o objeto da pesquisa qualitativa “dificilmente pode ser traduzido” (MINAYO, 2002, p. 21) e dificilmente possui “indicadores quantitativos” (MINAYO, 2002, p. 21).

Dessa maneira, é possível perceber que a abordagem qualitativa abarca um formato pertinente para entender as tomadas de posição de sujeito-usuários *bookstans* do Twitter, bem como entender o significado do *booktwitter*, tendo como referencial teórico a Análise do Discurso.

Diante disso, a abordagem qualitativa é uma abordagem que permite analisar o conjunto do discurso entre os sujeitos e a relação de significado para eles, diante das condições de produção em que estão inseridos. Sendo assim, é necessário levar em conta quais os pressupostos teóricos que auxiliam na compreensão da pesquisa.

Em relação aos pressupostos teóricos, é necessário evidenciar que esta pesquisa está alicerçada na base teórica da Análise do Discurso de linha francesa. Isso significa que a Análise do Discurso toma como objeto de análise o discurso, que engloba as noções de sentidos, sujeitos e as condições de produção do discurso. Além disso, com base na noção de espaços enunciativos informatizados, consideramos o Twitter como um espaço dessa categoria, levando em conta a forma-discurso e a forma-sujeito que são evidenciadas nesse espaço virtual.

Dessa forma, com base na Análise do Discurso e considerando o Twitter como um espaço enunciativo informatizado, essa pesquisa pretende analisar as tomadas de posição dos sujeitos-usuários bookstans do Twitter, assim identificando os modos de subjetivação desses sujeitos, bem como entender o funcionamento e os sentidos que circulam no *booktwitter*.

A priori, são problematizadas e analisadas as condições de produção em que surgiu o agrupamento de sujeitos-usuários nomeados de *bookstans*. Para verificação

dessa forma de posição, em especial no Twitter, coletamos tuítes e perfis de usuários através da ferramenta de busca por palavra chave disponibilizada pela rede. As palavras utilizadas para essa busca são: *bookstan*, *bookstans*, *booktwitter*, *booktt* e *booktwt*. Os tuítes e perfis são apresentados por meio de capturas de telas. Essas capturas de telas serão nomeadas de sequência(s) discursiva(s) (SD ou SDs). O corpus foi composto por treze sequências discursivas no total.

Courtine (2009) alega que, ao analisar uma sequência discursiva, deve-se "atribuir ao ato de enunciação de uma sequência discursiva de referência a regularidade de uma prática, assim como a caracterizar os rituais que a regulam" (COURTINE, 2009, p. 108). Sendo assim, escolher uma sequência discursiva para análise é "determinar a pertinência histórica de tal conjuntura, a situar a produção dessa sequência na circulação de formulações trazidas por sequências discursivas que se opõem, se respondem, se citam..." (COURTINE, 2009, p. 108).

Além do mais, foram capturas de tela de tuítes e perfis de usuários que utilizam de linguagens, símbolos e imagens específicas, que caracterizam os sujeitos-usuários *bookstans*. Essas especificidades são consideradas produções discursivas de uma materialidade digital. Assim, esse método tem como finalidade entender como esses sujeitos-usuários demonstram os modos de subjetivação na rede enquanto *bookstans* e quais são os sentidos que daí decorrem.

Para isso, também coletamos capturas de tela de perfis que não se encaixam no perfil de sujeitos-usuários *bookstans*, com o intuito de apontar semelhanças e principalmente diferenças. Com isso, é possível identificar quais recursos do Twitter são utilizados pelos sujeitos-usuários *bookstans* para demonstrar como eles se identificam enquanto sujeitos-usuários *bookstans*, analisar os sentidos do discurso desses sujeitos-usuários no Twitter, além de analisar o sentido do *booktwitter* em termos discursivos.

Por fim, é necessário entender o funcionamento e ferramentas da rede Twitter, bem como as condições de produção dessa rede social, com vistas a compreender como se dá o funcionamento discursivo de *bookstans* e as implicações de um novo espaço virtual repleto de sentidos, que foi criado a partir de dizeres dos sujeitos-usuários *bookstans* da rede, nomeado de booktwitter.

3.1 O Twitter: origem e funções

O Twitter é uma ferramenta de microblogging que permite formular e enviar mensagens curtas de maneira rápida. Esse formato de mensagem é conhecido também por tuíte. Inicialmente, os tuítes possuíam a limitação de até 140 caracteres. Em 2017, após mais de 10 anos do lançamento, o limite de caracteres foi aumentado para 280. No Brasil, a rede social ganhou mais visibilidade a partir do ano de 2009, quando recebeu sua versão em português.

A rede social foi criada em março do ano de 2006, quando Jack Dorsey, fundador da rede, trabalhava em uma empresa chamada Odeo Inc., localizada em South Park, São Francisco, EUA. A ideia surgiu quando a empresa estava passando por dificuldades, devido à forte concorrência no mercado; assim, a diretoria propôs uma estratégia para reinventar a empresa.

A equipe de Jack Dorsey, durante uma reunião, descreveu o serviço SMS (mensagens curtas por celular) que utilizava para se comunicar com pequenos grupos, com a seguinte frase: "O que você está fazendo?". O projeto original do Twitter sofreu algumas modificações, mas permaneceu com a ideia de microblogging. Sendo assim, o formato de microblogging satisfaz a necessidade de um modo de comunicação ainda mais rápido, pois, ao encorajar posts (mensagens) menores, ele diminui o gasto de tempo e o pensamento investido para a geração de conteúdo.

Atualmente, a rede social é reconhecida mundialmente e possui versão para aproximadamente 49 idiomas. Com o tempo, o Twitter também ganhou novas ferramentas e funções disponibilizadas para seus usuários. É possível publicar não só tuítes de 240 caracteres, como também publicar fotos, vídeos, áudios, transmitir vídeos ao vivo, interagir com outros usuários e muitas outras funções. Além do mais, a rede social também funciona por meio de um algoritmo próprio, cuja midiatização dos discursos será determinada por esse algoritmo.

Ao criar uma conta no Twitter, é solicitado que o indivíduo aceite os termos e condições. O indivíduo pode personalizar o seu perfil acessando a aba “Perfil” e clicando em “Editar perfil”. O usuário pode então adicionar suas informações, como foto do perfil, capa do perfil, nome do perfil, biografia em até 160 caracteres, sua localização e até um website externo. É possível também colocar a data de

nascimento e trocar o tipo de perfil (perfil profissional ou pessoal), além de poder modificar o nome de usuário (@) nas configurações.

Passado pelo ritual de criar um usuário e começar a tuitar, e assim colocando suas impressões sobre si e sobre o mundo, e interagindo com outros usuários, o indivíduo deixa de ser apenas um usuário e instaura-se como sujeito-usuário. Isso significa que, ao determinar como vai configurar seu perfil e quais dizeres vão circular através de seus tuítes, o sujeito vai determinar tomadas de posição. Consideramos, então, como uma tomada de posição o sujeito-usuário *bookstan*. Ou seja, isso implica que o sujeito vai se identificar e será afetado de maneira inconsciente por uma formação discursiva dominante diante de um espaço informatizado como o Twitter. Por fim, o discurso que circula no Twitter terá a forma-discurso de escritoralidade.

Portanto, levando em conta a forma-sujeito e a forma-discurso que se instauram na rede social Twitter e que é evidenciada nesta pesquisa, podemos entender o que são os sujeitos-usuários *bookstans* e o que é o *booktwitter* em termos discursivos. Na próxima seção, são discutidas essas noções.

4 ANÁLISE: A posição sujeito-usuário *bookstan* e o *booktwitter*: as movimentações de sentidos no Twitter

Nesta parte da pesquisa, iniciamos a análise. A análise tem como intuito identificar as tomadas de posição dos sujeitos-usuários denominados *bookstans* no espaço enunciativo informatizado Twitter. Além disso, pretendemos entender o que é o *booktwitter*, próprio da rede Twitter e o seu funcionamento em termos discursivos.

Para tal, esse tópico terá início com o subtópico intitulado *bookstans*. Neste subtópico, explicaremos os sentidos de *bookstan* e *bookstans*, bem como a diferença entre perfis que são considerados *bookstans* em relação a outros tipos de perfis do Twitter. Além disso, serão analisados os tuítes coletados com as palavras chaves *bookstans* e *bookstan*.

Também serão analisados exemplos de modalidade de tomada de posição de sujeitos *bookstans*. Por fim, no segundo subtópico, intitulado de *Booktwitter*, analisaremos os tuítes coletados através das palavras chaves *booktwitter*, *booktt*, e *booktwt*.

4.1 Bookstans

Com o advento da Internet, as gírias se tornaram cada vez mais comuns e todo dia surge um termo diferente que tem origem e circula no meio virtual, atravessando as fronteiras dessa realidade virtual. Com o significado de *bookstan* e seu plural *bookstans* não foi diferente. Afinal, o que é ser *bookstan*?

Primeiro, é preciso debruçar-se sobre a terminologia da palavra *bookstan* e as condições de produção em que o termo surgiu. *Bookstan* significa *book* — livro na língua inglesa — e *stan* significa a junção da palavra stalker — que possui o sentido de pessoa que persegue — com a palavra *fan* — que significa fã em português; pessoa fascinada por algo ou alguém. Além disso, quando se fala em fãs, de imediato, alguns sentidos costumam vir à mente, por já estarem bem consolidadas na memória social. O sentido de fã muitas vezes remete a um grupo de pessoas “malucas”,

"fúteis", “sem senso crítico”, “massa útil”, “manipuláveis”, capazes de fazer o que for possível por causa de seus ídolos.

Dessa forma, na terminologia da palavra, *stan* funciona como um sufixo para indicar que o sujeito idolatra algo ou alguém. Além disso, *stan* é uma palavra similar ao termo "stand", que pode significar dar suporte ou apoiar na língua inglesa. De modo geral, o termo *bookstan* denomina toda pessoa que é fã incondicional de livros, leitura e literatura.

O termo *stan* surgiu através da música do rapper norte-americano Eminem, intitulada Stan, lançada em 2000. O verbete foi criado pelo cantor e chegou a entrar no dicionário Oxford. A música fala sobre um fã obsessivo, chamado Stan, que mata sua namorada grávida e depois a si mesmo, já que Eminem se recusa a responder suas cartas. Logo depois, “stan” começou a ser usado para descrever pessoas que são consideradas fãs e também para nomear agrupamentos de fãs.

Diante do contexto da música do cantor Eminem, tem-se a ideia de que *stan* significa algo ruim, que remete a um efeito de sentido negativo. Porém, com a circulação do termo através dos agrupamentos de fãs na internet, o verbete ganhou outro sentido, passando por várias interações e novas formas de usar a palavra, sendo constituído pela interdiscursividade, que considera que todo discurso nasce de outro discurso.

O termo foi criado pelo cantor em 2000, mas a principal razão para o deslocamento de sentido parece ser que o termo permaneceu escondido em grupos de fãs específicos, como círculos de K-Pop, por exemplo. À medida que as plataformas de mídia social — isto é, espaços enunciativos informatizados — se polinizam cada vez mais, gírias de nicho como essas estão ultrapassando esses agrupamentos específicos e ganhando novas formas de uso.

Sendo assim, o sufixo *stan* empregado na palavra funciona como uma ressignificação da palavra fã em um diferente contexto histórico. Essa ressignificação implica que não basta o sujeito ser apenas fã, é preciso ser *stan*, isto é, apoiar, dar suporte, perseguir, ser fissurado e saber tudo sobre determinado assunto, objeto ou figura pública. Dessa forma, nota-se que ocorreu uma ressignificação do termo fã — já conhecido e empregado na memória coletiva — que implica que a palavra fã se tornou insuficiente para abarcar todas essas características.

Diante disso, com o uso do termo *stan* passando a circular e se popularizar nos espaços enunciativos informatizados, os sujeitos-usuários começaram a nomear os agrupamentos de fãs usando o termo como sufixo. Para nomear um agrupamento de fãs, os sujeitos começaram a fazer circular a gíria *fandom*. Fandom é o diminutivo da expressão em inglês *fan kingdom*, que significa “reino dos fãs”, na tradução literal para o português. Assim, nessas condições de produção, *fandom* remete a um grupo de pessoas que são fãs de determinada coisa em comum. Dessa forma, os *bookstans* são um fandom, ou seja, um agrupamento de fãs de livros, leitura e literatura.

Nos últimos anos, principalmente devido à pandemia de Covid 19, os *fandoms* ganharam uma maior legitimidade, apesar de suas práticas ainda ficarem restritas aos sujeitos-usuários que entendem os sentidos empregados em seus enunciados. Sendo assim, o encontro entre as pessoas ficou cada vez mais virtual e os sujeitos-usuários que se identificavam com os mesmos gostos — seja por um livro, filme, série, etc — acabam se conectando emocionalmente com o mesmo universo imaginário, permitindo a criação de vínculos que ajudam a preservar e produzir sentidos.

O prazer de ser fã, de compartilhar uma paixão com uma comunidade de fãs e de se sentir parte dela, fazendo circular dizeres em espaços enunciativos informatizados, produz uma memória discursiva constituída por uma interdiscursividade afetada pela tecnologia. A partir disso, é possível fazer reflexões e interpretações que permitem explorar inúmeros aspectos da subjetividade de sujeitos-usuários do Twitter e entender suas práticas discursivas. Com isso, é visível algo emblemático das subculturas de fãs: a interface entre consumo pessoal e coletivo, entre identidades e comunidades, que se faz visível de formas cada vez mais diversificadas nos ambientes digitais.

Para iniciar tais reflexões, é importante apontar que cada espaço enunciativo informatizado possui sua própria normatização específica. No caso dos sujeitos-usuários *bookstans*, o discurso desses sujeitos circula de forma diferente em cada espaço. No Twitter, os perfis de sujeitos-usuários denominados *bookstans* são determinados por uma normatização que define como esses sujeitos se identificam como *bookstans*.

Por exemplo, para criar uma conta no Twitter, é necessário colocar uma foto de perfil e outros dados pessoais. Com isso, alguns desses dados ficam visíveis para

qualquer usuário da rede ver. Quando uma conta é de uma figura pública, como um político, um ator, um cantor, e etc., o perfil é verificado pelo Twitter e recebe o selo azul, como forma de autenticação e identificação do usuário, já que podem existir outros perfis falsos que podem fingir ser de uma certa pessoa pública. Toma-se como exemplo um perfil de uma pessoa pública. Eis o perfil de usuário do ex presidente Lula no Twitter:

Fonte: https://twitter.com/LulaOficial. Acesso em: 24 de ago. 2022.

Na SD1, podemos perceber a forma como o perfil do usuário é construído. Primeiro, é visível uma capa, uma foto de perfil, um nome do perfil — Lula 13 — bem como seu nome de usuário (@) — LulaOficial — e outras informações, como o local onde o usuário mora, um link externo à rede social Twitter, a data de nascimento e a data em que o perfil foi criado. Além disso, há uma descrição biográfica que dá indícios sobre aspectos subjetivos da personalidade do ex-presidente. Também é possível verificar o uso de imagens e outros recursos técnicos visuais que representam o número 13, sendo este o número de sua candidatura, ou seja, o número que o representa. Por fim, percebemos também o selo azul de autenticação ao lado de seu nome, que indica que esse perfil é o perfil original do ex-presidente Lula.

É importante ressaltar que, por ser uma conta de uma pessoa pública, de um político, o discurso político estará marcado em seus tuítes, ainda que a forma-discurso

de escritoralidade esteja presente. Além disso, a quantidade de seguidores desse tipo de perfil costuma ser bem expressiva em relação aos perfis não-públicos.

Dessa forma, as contas que possuem o selo azul do Twitter não podem ser contas privadas, pois são determinadas como contas de interesse público. Isso significa que todos os tuítes realizados em contas verificadas estão disponíveis para qualquer usuário ver e interagir. Sendo assim, o selo azul de autenticação do Twitter serve para determinar e normatizar como o usuário deve utilizar o seu perfil e se relacionar com outros usuários.

Diante disso, entendemos que os perfis com o selo azul de verificação do Twitter possuem regularidades próprias. É importante também levar em consideração que muitos dos perfis verificados são administrados por uma assessoria, isto é, uma equipe pode estar por trás de um enunciado produzido em um tuíte do indivíduo e não necessariamente foi a pessoa representada no perfil que enunciou.

Entretanto, o selo de verificação produz a legitimidade e os efeitos de sentidos de que é aquele indivíduo, figura pública que ocupa um lugar social, que está enunciando. Já os perfis de usuário comuns, isto é, aqueles que não possuem o selo de verificação, apresentam algumas regularidades diferentes de um perfil verificado. Tomemos como exemplo para verificação dessas regularidades o perfil abaixo:

Fonte: https://twitter.com/folkbru. Acesso em: 24 de ago. 2022.

Na SD2 acima, é possível verificar algumas similaridades com o perfil verificado do Twitter. Primeiro, podemos notar que o perfil na imagem destacada também é configurado igual a um perfil verificado, isto é, o perfil também possui um nome de perfil, uma foto de perfil, uma capa, um nome de usuário (@), e outras determinações técnicas que são próprias do espaço enunciativo informatizado Twitter. Porém, também notamos que este tipo de perfil não possui um selo de verificação. Isso significa que o indivíduo desse perfil não é considerado uma pessoa pública, portanto, esse perfil possui a capacidade de privatizar a conta e selecionar quem pode ou não interagir com determinado tuíte produzido pelo sujeito-usuário, assim permitindo que apenas algumas pessoas selecionadas — seus seguidores — possam interagir com o perfil.

Diante disso, é interessante apontar que esses perfis não verificados apresentam a forma-discurso de escritoralidade de autoria provisória (GALLO, 2012, GALLO; SILVEIRA, 2021). Por pertencer a um espaço como o Twitter, o discurso presente chega ao âmbito público, passando por uma normatização específica através de parâmetros próprios do espaço enunciativo informatizado Twitter. Isso também é comum em perfis que podemos considerar como um perfil de um sujeito-usuário *bookstan*, pois o discurso *bookstan* possui sentidos que nem todos usuários podem compreender de imediato. Podemos verificar, na sequência discursiva abaixo, as especificidades próprias de um perfil de um sujeito-usuário *bookstan*:

Fonte: https://twitter.com/Rhaebook. Acesso em: 24 de ago. 2022.

Na SD3 acima, podemos verificar algumas especificidades na forma como o perfil é configurado. Por exemplo, o perfil apresenta as mesmas configurações próprias da rede Twitter, tais como o perfil de usuário público e de perfil de um usuário não público. Assim como o perfil de um usuário não-público, o *bookstan* pode privar seu perfil, entretanto, o perfil de um usuário *bookstan* ordena seu perfil de uma maneira que mostra para outros usuários que o perfil se trata de um perfil *bookstan*, ou seja, mostra que o sujeito-usuário se identifica como um sujeito-usuário *bookstan*.

É notável, no perfil acima, como o sujeito demarca a sua identidade como sujeito-usuário *bookstan* através de recursos tecnológicos próprios da web. Primeiro, é perceptível uma capa no perfil do usuário, que enuncia: “Não importa se eu tenho vários livros que ainda não li, eu quero mais livros!”. Diante do enunciado presente na capa do perfil do usuário, compreendemos que o sujeito-usuário *bookstan* é atravessado pelas regras de uma formação discursiva fã-leitor, que carrega como efeito de sentido a ostentação e consumo de livros.

Depois, é possível verificar a foto do perfil do usuário. A foto do perfil escolhida é impessoal e trata-se de uma *fanart* de uma personagem literária. No perfil, também percebemos que o nome colocado indica um nome fictício. Rhaenyra, nome do perfil, é uma personagem do livro chamado Fogo e Sangue, do autor George. R. R. Martin. Ao lado do nome, o sujeito-usuário colocou um *emoji* de um livro, informando o título do livro. Isso é uma forma de indicar qual livro o sujeito-usuário *bookstan* está lendo no momento, sendo essa forma amplamente utilizada pelo sujeito *bookstan* como forma de identificação na rede social Twitter. Além disso, o sujeito também determina um nome de usuário (@) em que a palavra *book* pode ser verificada, juntamente com a abreviação do nome da personagem literária Rhaenyra. Sendo assim, podemos notar que novamente o sujeito relaciona seu perfil à leitura, livros e literatura.

Na biografia do perfil, é perceptível que o sujeito-usuário demarca características específicas de sua personalidade, a fim de tornar atrativo para outros usuários, mostrando sua identidade e com quais características ele se identifica. Além disso, o sujeito-usuário coloca um link externo à rede social, onde é possível localizar sua lista de desejo de livros, isto é, livros que o sujeito deseja comprar através do site

de vendas Amazon, determinando um consumo que é pessoal, mas que é influenciado pelo coletivo diante da formação discursiva de leitor-fã, que o afeta de maneira inconsciente. Assim, intrínseca a essa formação discursiva, está uma formação ideológica, que afeta a cultura de massa, cultura essa que não é puramente da massa, mas uma construção econômica, que dita o que deve ser de gosto popular.

Portanto, podemos entender que o sujeito-usuário determina seu perfil a partir de sua tomada de posição como sujeito *bookstan*, colocando características relacionadas ao que é ser *bookstan*, ser fã de leitura, literatura e livros. O sujeito utiliza recursos verbais e não verbais, pois esses recursos fornecem possibilidades técnicas que são encontradas nas mídias digitais.

Por exemplo, o uso do *emoji* de livro e a foto de perfil com uma *fanart* são capazes de produzir sentidos divergentes e criar as mais variadas possibilidades de interpretação para os sujeitos do discurso. O uso do *emoji* e da *fanart*, portanto, são produções discursivas de uma materialidade digital, que implica (re)conhecer-(se) (n)uma linguagem que ocorre no meio digital e que coloca os usuários como letrados frente a esses recursos, colaborando significativamente para a construção de uma linguagem digital e para a construção de sentidos e da tomada de posição desses sujeitos.

Podemos também apontar que a forma como o sujeito-usuário monta o seu perfil vai determinar uma tomada de posição dentro desse espaço enunciativo. Os tuítes desse tipo de perfil se configuram no anonimato, o que lhe confere um efeito de autoria provisório. Ou seja, o perfil do sujeito-usuário *bookstan* também apresenta a forma-discurso de escritoralidade (GALLO E SILVEIRA, 2017), próprio de um espaço enunciativo informatizado como o Twitter.

Um ponto importante a ser destacado é como os sujeitos-usuários *bookstans* utilizam o perfil de maneira impessoal, a partir do qual tomam uma posição no Twitter. Essa impessoalidade é marcada na maneira como esses usuários determinam seu perfil; por exemplo, os *bookstans* não costumam colocar suas características pessoais no perfil, como utilizar uma foto própria de si, mas costumam colocar suas características enquanto sujeito-usuário *bookstan*. Assim, esses sujeitos conseguem circular sentidos através do anonimato, o que confere o efeito de normatização. Diante disso, é importante apontar que não se torna uma regra, mas no Twitter é comum um

sujeito-usuário que se identifica como *bookstan* utilizar uma foto de perfil que não é sua, mas sim uma atriz, modelo, uma *fanart*, etc. Como exemplo dessa característica, pode-se verificar os perfis abaixo:

Fonte: https://twitter.com/willzsolace. Acesso em: 07 de set. 2022.

Na SD4 acima, é possível verificar algumas características próprias determinadas pelo sujeito-usuário. Muitas das características do perfil são visíveis para que todos que possuem acesso ao Twitter possam ver, mas nem todos conseguem entender os sentidos projetados nas características do perfil, pois são sentidos que carregam sentidos que apenas sujeitos-usuários posicionados enquanto *bookstans* consegue compreender de imediato. Por exemplo, a sua foto de perfil configura-se como uma *fanart*. A *fanart* é uma arte desenhada ou uma pintura feita por fãs de um personagem de livro que reúne as definições citadas e criadas pelo autor do livro para o personagem, mas nem sempre os *stans* seguem essas características e a *fanart* acaba sendo um trabalho feito por fãs de sua própria imaginação sobre a obra original. Sendo assim, de modo geral, a *fanart* é uma interpretação em forma artística que surge a partir da leitura de um livro.

Muitas das *fanarts* que são criadas pelos *bookstans* circulam de maneira expressiva, mesmo que a *fanart* não seja igual ao que está escrito e legitimado pelo

autor na publicação do livro. Assim, algumas *fanarts* se tornam cânone para os fãs, ou *cânon,* na abreviação. Dessa forma, o que os sujeitos *bookstans* passam a chamar de cânon é uma maneira de conferir legitimidade para a produção discursiva desses sujeitos e relacionar elementos simbólicos presentes na memória discursiva.

Diante disso, na foto de perfil do sujeito-usuário acima, é possível identificar uma fanart do personagem Nico, da saga literária intitulada Percy Jackson, escrita por Rick Riordan. A capa de perfil desse sujeito-usuário *bookstan* também possui uma citação da saga de livros, além do seu nome de usuário (@) que também indica o nome de um personagem dos livros de Percy Jackson, Will Solace. Também podemos verificar o uso do emoji de livro ao lado de seu nome de perfil, indicando qual leitura o sujeito-usuário está realizando no momento, sendo esta a maneira mais comum de verificar se um perfil do Twitter trata-se de um perfil de um sujeito-usuário *bookstan*. Vejamos, agora, o perfil abaixo:

Fonte: https://twitter.com/dudjika. Acesso em: 07 de set. 2022.

Na SD5 acima, é possível verificar as características determinadas que compõem o perfil e que o identifica como um sujeito-usuário *bookstan*. A foto de perfil, por exemplo, é de uma personagem chamada Bella Swan, da saga de livros nomeada de Crepúsculo, da autora Stephenie Meyer. A personagem é interpretada pela atriz

Kristen Stewart e o livro ganhou uma adaptação cinematográfica de grande sucesso. No enredo do livro, a personagem literária é conhecida por apreciar a leitura e, na foto de perfil do sujeito-usuário, a personagem está com um livro em mãos. Também é notável o uso do *emoji* de livro e o nome do livro que o sujeito-usuário está lendo no momento. Novamente, o perfil do sujeito-usuário demarca sua subjetividade utilizando características que indicam uma fascinação por leitura, literatura e livros.

Entretanto, podemos também verificar que, nesse perfil, o sujeito-usuário também determina outras formas de subjetivação. Isso é perceptível pelo uso do emoji da bandeira LGBTQIA+, além de seus pronomes de identidade, presentes em sua descrição de perfil. Sendo assim, é possível entender que o sujeito-usuário é atravessado por outras formações discursivas e ideológicas, identificando-se com as regularidades estabelecidas pela tomada de posição enquanto sujeito *bookstan* e configurando uma heterogeneidade para a formação discursiva.

É importante ressaltar também como esses perfis carregam uma posição de autoria, mesmo que seja instantânea. Diante do fandom dos *bookstans* no chamado *booktwitter*, é possível entender como várias práticas discursivas são configuradas com efeito de autoria provisório. Um bom exemplo disso é o que os bookstans chamam de *AU* (na tradução: Universo Alternativo).

O *AU* se tornou uma espécie de gênero conhecido no Twitter em meados de 2017, quando autoras de *fanfics* começaram a escrever suas histórias por meio de tuítes usando um formato diferente das fanfics usuais. Dessa maneira, *AU* é um gênero que ressignifica histórias já publicadas e legitimadas, contando a história por meio da simulação de conversas dos personagens de um livro, utilizando os aplicativos e sites de redes sociais. E assim, através de conversas, postagens, tuítes simulados e etc., a história de um livro ganha uma nova forma de interpretação. Como exemplo do que é AU, podemos analisar a imagem abaixo:

Fonte: https://twitter.com/EvannaLaRue/status/1327259807896776705. Acesso em: 07 de set. 2022.

Nas SDs 6 e 7 acima, o sujeito utiliza a função *thread* (sequência de tuítes) da rede social Twitter para escrever o AU. O sujeito-usuário escreve um short AU, que tem como característica uma história mais curta e já finalizada do gênero. O AU em questão trata-se de uma história alternativa, inventada e não oficial sobre os personagens Will e Nico, da saga Percy Jackson. Há também a parte narrada, em que a autora coloca a narração da história em blocos de notas e envia as fotos através de capturas de tela.

Como informado, o sujeito-usuário simula conversas no WhatsApp e postagens no Twitter, como se fosse os personagens do livro utilizando as redes sociais. Ele

também usa fotos de modelos que possuem as características dos personagens do livro, como forma de representação dos personagens fictícios. Dessa maneira, o gênero AU configura-se como uma prática discursiva de sujeitos-usuários *bookstans*, portando uma certa legitimidade, conferida no modo como esse tipo de produção circula. Também é perceptível o efeito de autoria instantâneo nesse tipo de publicação, pois o gênero é publicado e circula através de tuítes que podem ser apagados a qualquer momento.

Outra produção discursiva bastante comum de sujeitos-usuários *bookstans* é a criação de *fancam*. A *fancam* teve início nos grupos de fãs de K-pop e tratava-se de vídeos curtos de seus ídolos em performances durante os shows. Esses vídeos são criados com intuito de serem amplamente divulgados e circulados em redes sociais, principalmente no Twitter. Atualmente, o formato de *fancam* foi ganhando novos sentidos e chegou aos mais diversos *fandoms*. Pode-se verificar como exemplo de *fancam* de um sujeito-usuário *bookstan* na imagem abaixo:

Fonte: https://twitter.com/leidiorlydia/status/1520984819370442757. Acesso em: 07 de set. 2022.

Na SD8 acima, podemos identificar um sujeito *bookstan* pelas determinações técnicas do perfil. Por exemplo, o uso de *emoji* de livro no nome, além do nome "Leitora sincera" em seu perfil determinam que esse sujeito se posiciona como *bookstan* diante do espaço enunciativo informatizado como o Twitter. Além disso, na sequência discursiva, é possível identificar, em meios às palavras enunciadas, o uso da palavra "bookstan", fazendo circular dizeres dessa formação discursiva.

Ainda nessa SD, o sujeito-usuário *bookstan* utiliza do recurso de vídeo para postar o tuíte. No vídeo curto, é possível verificar uma edição de vídeo em que o sujeito usa uma *fanart* de uma personagem literária, além de uma música e trechos do livro. Além disso, podemos perceber também, no enunciado do tuíte, o uso de palavras

chaves e hashtags, que são utilizadas fora do contexto do vídeo. Dessa forma, são usados os recursos tecnológicos do Twitter — como o algoritmo próprio do espaço enunciativo — para que a *fancam* do sujeito-usuário ganhe maior visibilidade e circulação, sendo esse um processo de midiatização.

Junto ao conceito de *fancam*, os sujeitos-usuários *bookstan* também passaram a criar o conceito de *fancast*. O fancast, também chamado de *dream cast* — elenco dos sonhos — é, de maneira geral, um elenco ideal criado pelos fãs, em que eles desejam atores e atrizes para participar de uma versão cinematográfica ou seriada de um livro. Diante disso, é importante salientar que essas produções são estabelecidas pelos processos de normatização e midiatização. Vale ressaltar também que essas produções não são exclusivas e fomentadas apenas pela posição-sujeito *bookstan*, mas que também são saberes de outras formações discursivas que circulam na web.

Em relação à tomada de posição, o sujeito demarca sua posição na forma como configura o seu perfil e através de enunciados, isto é, através da produção de tuítes na rede social, o que determina como um espaço enunciativo informatizado como o Twitter inaugura outras tomadas de posições e de sentidos. É possível verificar a tomada de posição do sujeito-usuário através do tuíte abaixo:

Fonte: https://twitter.com/tuitajessy/status/1278505075334352896. Acesso em: 14 de set. 2022.

Diante da SD9 acima, entendemos que o sujeito-usuário *bookstan* revela sua tomada de posição ao enunciar “Sim, eu amo ser bookstan”. No tuíte, o sujeito marca também suas impressões sobre o sentimento e o afeto de ser um bookstan, sendo atravessado pelos saberes organizados dessa formação discursiva. É interessante perceber como o sujeito também se identifica e reflete seus sentimentos nos sentimentos do personagem dos livros, se colocando na posição desses personagens, pois o sujeito “sente o que eles sentem” e “sofre por histórias” que não são suas, assim produzindo um efeito de apagamento do enunciador para viver o que o personagem sente. Sendo assim, o sujeito do discurso também marca uma identificação plena com a forma-sujeito *bookstan*, em que o sujeito se identifica com a FD através de uma das suas posições-sujeito.

Dessa forma, o sujeito se identifica com a formação discursiva que o domina e o constitui como sujeito dentro desse espaço enunciativo informatizado que é o Twitter. Nesse caso, considera-se a formação discursiva leitor-fã, em que o sujeito se identifica com um domínio de saber já instituído dessa formação discursiva. Além disso, pode-se verificar a quantidade de curtidas e retweets do tuíte em questão, o que coloca em jogo a circulação desse dizer e a quantificação de pessoas que se identificam com o enunciado produzido pelo sujeito.

Assim, o sujeito passa a ser um sujeito *bookstan* por se identificar com saberes da formação discursiva, mas nem sempre é possível concordar plenamente com todos esses saberes dessa formação. Muitos dos saberes que atravessam a formação discursiva dos *bookstans* não são simplesmente replicados sem apresentar objeções. Toma-se como exemplo a sequência abaixo:

Fonte: https://twitter.com/ilov3kitties/status/1565459449904599041. Acesso em: 14 de set. 2022.

Na SD10 acima, o sujeito-usuário tuita que não gosta de livros em que a história — o que os *bookstans* nomeiam com uma gíria: *plot* — de romance gira em torno de uma gravidez da personagem, mesmo que ele se posicione enquanto *bookstan*. Segundo o enunciado presente no tuíte, o sujeito avalia o livro negativamente, "perde uma estrela", devido ao enredo que inclui uma gravidez. Nesse sentido, é bastante comum livros que ganham notoriedade em espaços *bookstans* terem esse tipo de enredo na história. Dessa forma, o sujeito-usuário *bookstan* do enunciado acima marca uma contra-identificação com a formação discursiva fã-leitor que o afeta.

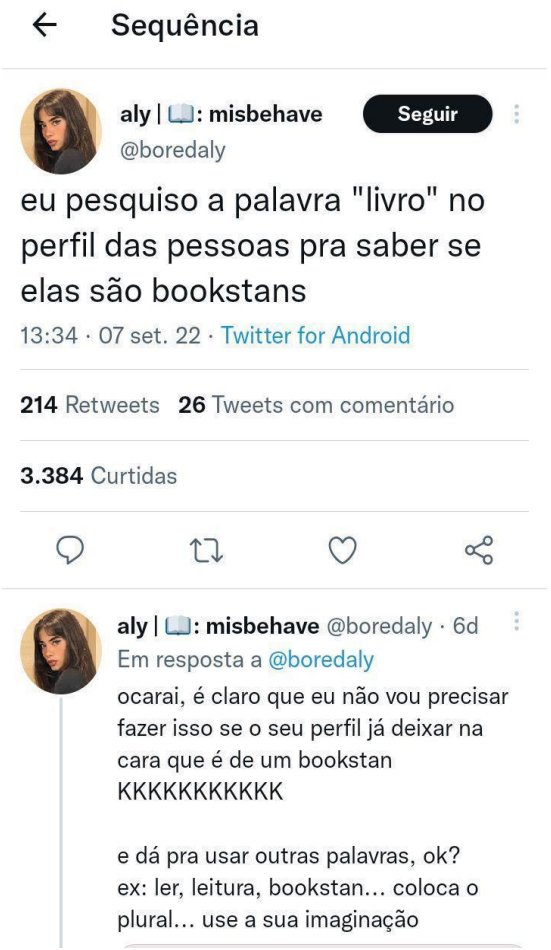
Além disso, temos também a modalidade de desidentificação, que se revela pelo sujeito-usuário através da publicação de tuítes. Diante disso, o sujeito utiliza o tuíte para enunciar e mostrar que não se identifica mais com a forma-sujeito que o afeta, e assim ele vai se identificar, de forma inconsciente, com outros saberes de outra formação discursiva que o permeia. Podemos ver esse tipo de modalidade na SD abaixo:

Fonte: https://twitter.com/damianslaurent/status/1308214401921617921. Acesso em: 14 de set. 2022.

Na SD11 acima, o sujeito alega que “deixou” de ser *bookstan* e agora se intitula como *stan* dos *YouTubers* Cellbit, Felps e Alan. Os *YouTubers* citados no tuíte possuem um conteúdo de vídeos voltados para jogos e vídeo game, assim apresentando diferenças nos saberes organizados da formação discursiva leitor-fã de sujeitos *bookstans*. Dessa maneira, o sujeito-usuário toma a posição de desidentificação com a formação discursiva que o dominava anteriormente, diante de um espaço enunciativo informatizado como o Twitter. Sendo assim, o sujeito passa pelo mesmo movimento de identificação, já que, ao se desidentificar, o sujeito vai se identificar com outras regularidades presentes de uma outra formação discursiva, sendo esta outra formação discursiva nomeada de fã-*gamer*.

Com isso, esses sujeitos-usuários revelam novas formas de se reinventar e se identificar em espaços como o Twitter. Esse aspecto também revela o discurso desses

sujeitos, que se configura como um discurso de escritoralidade. No que se refere ao discurso de escritoralidade, os processos de normatização e midiatização perpassam esse discurso. Verificamos esses processos na imagem abaixo:



Na SD12 apresentada acima, o sujeito informa como ele verifica se outros sujeitos-usuários são *bookstans*. Para isso, é utilizado o recurso do Twitter de buscar palavras chaves no perfil para identificar os dizeres que circulam relacionado à palavra livro. Entretanto, o perfil também informa que não precisa utilizar desse recurso quando o perfil do sujeito-usuário for facilmente identificado como *bookstan* pela forma como o sujeito-usuário organiza seu perfil. Diante disso, podemos verificar que o sujeito-usuário demarca uma circulação de dizer no anonimato, ao configurar seu perfil de uma maneira que vai informar ao outro que se trata de um perfil de sujeito-usuário

bookstan, como, por exemplo, usar uma foto de perfil impessoal e utilizar o *emoji* de livro no nome de usuário. Nesse sentido, o sujeito também demarca uma circulação de dizeres de forma expressiva, através da quantidade de compartilhamento de pessoas que se identificam com esse dizer — basta verificar a quantidade de curtidas e retweets com comentários na SD mencionada.

Sendo assim, a normatização do discurso *bookstan* no Twitter vai se conferir pela possibilidade desses sujeitos formularem dizeres de forma anônima. Já a midiatização vai se conferir pela repetibilidade e expressiva circulação dos dizeres formulados por esses sujeitos. Tomamos como mais um exemplo desses processos a SD abaixo:

Fonte: https://twitter.com/camilaarcheron/status/1568285014864936963. Acesso em: 14 de set. 2022.

Na SD13 em questão, o sujeito tuíta utilizando imagens, que indicam alguns livros que ganharam notoriedade no espaço *"booktwitter"*. Na sequência, também é possível verificar a quantidade de curtidas e retweets do tuíte, indicando a repetibilidade e circulação desse dizer, o que também implica a quantidade de sujeitos

que se identificam com esse dizer. Isso significa que os dizeres e a leitura dos livros mencionados no tuíte tornaram-se uma regularização da posição-sujeito *bookstan*, isto é, para se posicionar enquanto *bookstan*.

Vale ressaltar que esses livros possuem um público alvo determinado, pois são classificados como literatura jovem adulto ou infanto juvenil. Dessa forma, temos o efeito de sentido de que não basta apenas gostar de literatura para ser *bookstan*, mas sim gostar de uma literatura específica. Além disso, novamente é possível identificar a influência de uma cultura de massa sob o gosto pessoal desses sujeitos. Sendo assim, esses sujeitos são atravessados por saberes da formação discursiva fã-leitor, a partir de critérios próprios de espaços enunciativos informatizados, nesse caso, o espaço Twitter, em que a repetibilidade, visibilidade e circulação de dizeres fazem parte desse processo.

Por fim, é importante também ressaltar o uso da expressão "*booktwitter*" na SD acima. A expressão é usada para circular dizeres entre sujeitos *bookstan* no Twitter, assim ganhando interações de sujeitos que se posicionam como *bookstans*. Por esse motivo, é importante entender a articulação do *booktwitter* dentro de um espaço enunciativo informatizado como o Twitter. No próximo tópico, será discutido e analisado o funcionamento do *booktwitter* em termos discursivos.

4.2 Booktwitter

O Twitter é um espaço enunciativo informatizado cujos sujeitos-usuários fomentam dizeres a partir de parâmetros próprios e normatizados no Twitter. Esses dizeres apresentam tomadas de posições de sujeitos e acabam criando um espaço de formulação de dizeres dentro da própria rede social. Um exemplo desse fenômeno é o que os sujeitos-usuários bookstans começam a nomear de *booktwitter*.

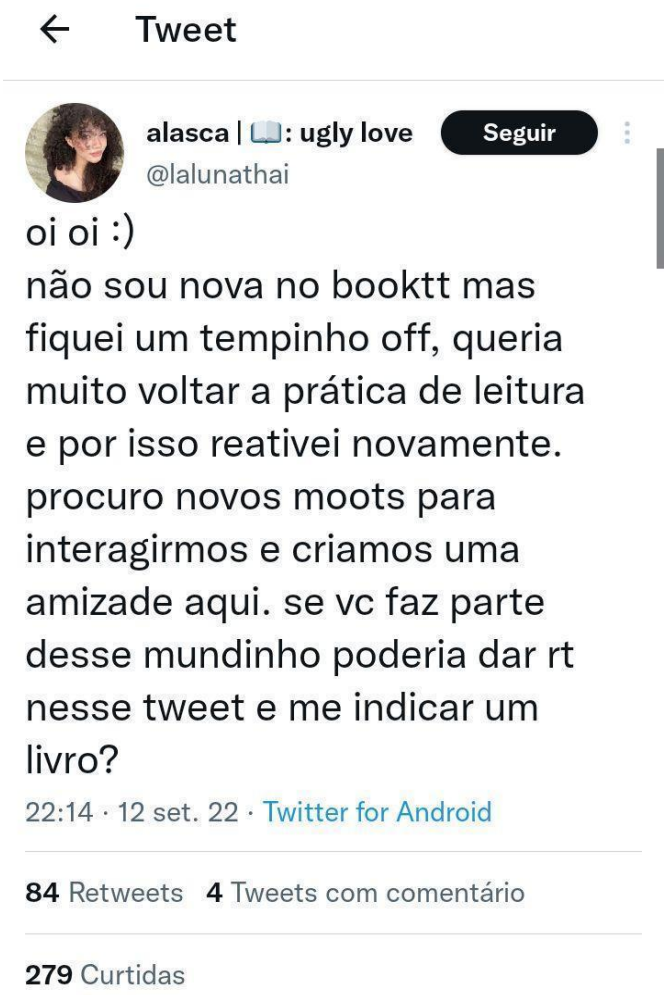
Podem ser encontrados diversos espaços de dizeres dentro do próprio Twitter. Temos como exemplo o *blacktwitter*, o *transtwitter*, o *nativetwitter* (ou black twitter, trans twitter, native twitter) e vários outros 'espaços' criados pelos sujeitos-usuários, que apresentam um espaço de verdadeira disputa e tensão de sentidos.

Dessa maneira, o booktwitter se tornou uma gíria que indica um agrupamento de contas criadas na rede social Twitter para falar de livros e leitura. A expressão

booktwitter também apresenta outras formas de circulação em rede, como booktt, booktwt. Além disso, é também um termo muito usado no Twitter pelos *bookstans* para divulgar seus livros favoritos. Na SD abaixo, podemos perceber como é utilizado essa expressão:

Fonte: https://twitter.com/withlovelia_/status/1572400873241722880. Acesso em: 14 de set. 2022.

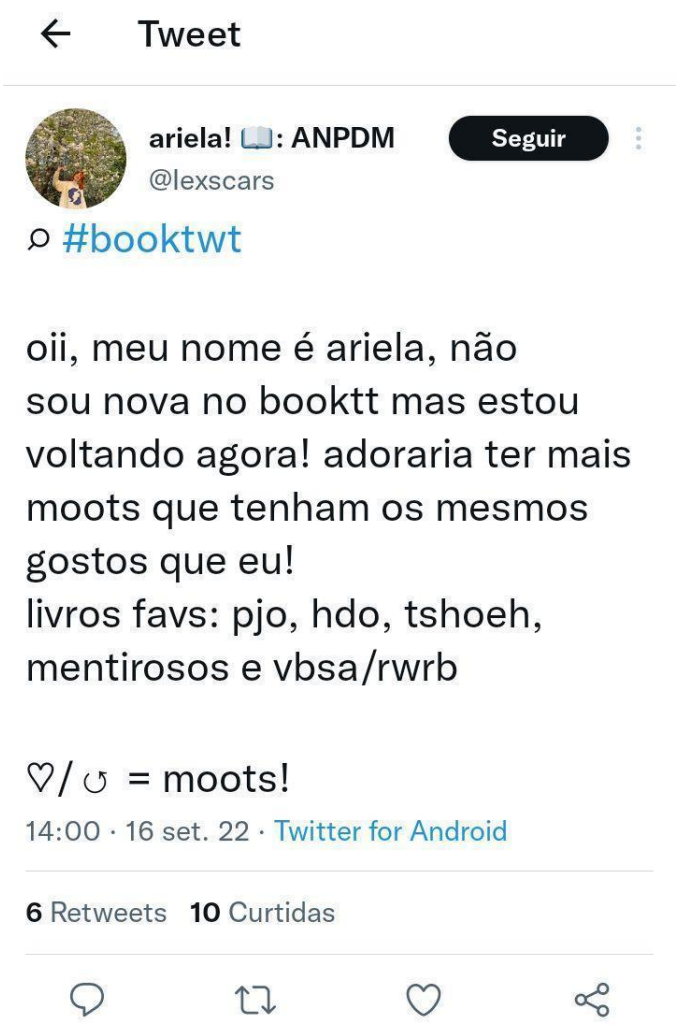
Diante dessa SD, é possível vislumbrar que o *booktwitter* é considerado “uma parte” do Twitter. Diferente de outros espaços enunciativos informatizados, no Twitter não é possível criar grupos, apesar de existir a opção de seguir um tópico sobre um determinado assunto. Porém, esses assuntos já são determinados e o discurso *bookstan* configura-se como uma novidade, sendo constituído pela formulação de dizeres de sujeitos-usuários *bookstans*. Sendo assim, o *booktwitter* é uma forma de nomear um espaço próprio, criado para *bookstans* no Twitter. Temos mais um exemplo de como o termo circula no Twitter:



Fonte: https://twitter.com/lalunathai/status/1569494628541337604. Acesso em: 14 de set. 2022.

Na SD acima, o sujeito *bookstan* enuncia que passou um “tempinho” sem utilizar a sua conta de usuário no “booktt”. É também indicado no tuíte que ele deseja voltar à prática de leitura e, por isso, voltou a utilizar a conta no Twitter; assim ele também procura novas pessoas para poder seguir e segui-lo de volta, interagindo com esses sujeitos - o que os sujeitos-usuários chamam de *moots* ou *mutuals*. Além disso, o sujeito também pede uma indicação de livro e pede que deem retweet em seu tuíte, para dar continuidade à circulação de seu dizer, divulgando de seu perfil de usuário o que pode ser atrativo para outras pessoas que se identificam com o enunciado. É importante destacar o uso da palavra “mundinho” no tuíte, em que o sujeito marca o *booktwitter* como um lugar para outros sujeitos-usuários que também participam desse lugar e se identificam como *bookstans*.

Outro exemplo de uso do termo é através das hashtags, que podem ser encontradas como palavras chaves no Twitter. Verifiquemos a SD abaixo:



Fonte: https://twitter.com/lexscars/status/1570819925220134912. Acesso em: 14 de set. 2022.

Nessa SD, é utilizado o recurso de hashtags. O uso da hashtag *#booktwt*, que funciona como uma variação do termo *booktwitter*, determina como esse dizer vai circular dentro do Twitter, e como chegará para outros sujeitos-usuários, nesse caso, para outros sujeitos que se posicionam como *bookstan* nesse espaço. Diante disso, o uso da hashtag se configura como um modo de formular próprio da normatização do espaço enunciativo informatizado Twitter, caracterizando o processo de midiatização, pois as hashtags são recursos que ajudam na circulação de dizeres. Segundo Silveira (2013) as hashtags são mecanismos que podem ser vistas em uma “dimensão

discursiva, uma vez que produz o encontro do histórico com o linguístico de uma maneira bastante singular, permitindo em sua materialização hipertextual a aproximação entre a memória discursiva e a memória metálica, unindo duas formas de linguagem: a linguagem artificial e a natural".

É possível verificar também que o sujeito-usuário se posiciona como *bookstan* a partir das características em seu perfil, como o uso do *emoji* de livro. No tuíte, o sujeito enuncia quais suas preferências, mostrando traços de sua subjetividade a partir dessas características. São também utilizadas diversas gírias e siglas — como moots, pjo, hdo, tshoeh, vbsa/rwrb — em que *moots* significa seguidores mútuos, onde o usuário segue de volta outro usuário, e *pjo*, *hdo*, *tshoeh*, *vbsa/rwrb*, que são siglas de livros, que só possuem sentidos para outros sujeitos-usuários *bookstans* do Twitter. É importante destacar que o uso dessas gírias e siglas são uma característica de um discurso de oralidade, mas com características de um discurso de escrita, caracterizando-se como forma-discurso de escritoralidade.

Portando, o *booktwitter* funciona como um espaço de formulação de domínios de saberes de sujeito-usuários *boookstan* do Twitter. Assim, consideramos o *booktwitter* uma maneira de reivindicar um espaço enunciativo dentro do próprio espaço enunciativo informatizado Twitter, sendo esse espaço um espaço do *bookstan* sujeito-usuário do Twitter. Dessa forma, a formação discursiva em que a posição sujeito *bookstan* se inscreve vai encontrar regularidades próprias e determinadas por um meio que é atravessado pela tecnologia. Ou seja, essa tecnologia produz uma tomada de posição do sujeito, sujeito esse que faz parte de um coletivo e é determinado pela tecnologia, daí deslizando diversos sentidos que se cruzam, se excluem e se completam.

5 CONCLUSÕES

Este trabalho teve como objetivo analisar as tomadas de posição de sujeitos-usuários *bookstans* no espaço enunciativo informatizado Twitter, além de debruçar-se sobre o funcionamento do chamado *booktwitter*. Para isso, foi considerada a perspectiva teórica da Análise do Discurso de linha francesa. Também foi relacionado o Twitter como um espaço enunciativo informatizado (GALLO; SILVEIRA, 2021) considerando os processos em que esse espaço se configura. Levando em conta esses pressupostos teóricos, foi realizada uma análise qualitativa de cunho descritivo explicativo.

Na análise, são apontadas as condições de produção em que o termo *bookstan* surgiu. Depois, apresentamos como o Twitter carrega uma normatização específica, própria da web, que torna-se importante para as tomadas de posição de sujeitos-usuários *bookstans* diante do espaço Twitter. Essa normatização específica vai regularizar como esses sujeitos utilizam recursos do próprio Twitter — uma foto de perfil selecionada, um nome de perfil, um nome de usuário, etc — e também marcar, a partir da formulação de seus dizeres que vão circular na rede, uma posição-sujeito no Twitter, que vai ser nomeada de *bookstan*.

Diante disso, também são colocadas as práticas discursivas — o *AU*, *fancam*, *fanart*, o uso do *emoji* de livro e etc — que são constitutivas desses sujeitos e da formação discursiva que os domina, a saber, de leitor-fã. Essas práticas conferem uma posição de autoria provisória e a possibilidade de um dizer anônimo para esses sujeitos, já que circulam através de tuítes que podem ser apagados a qualquer instante e são publicações que passam pelo processo de normatização e midiatização. Portanto, essas práticas vão sobredeterminar os sujeitos, principalmente na forma como o perfil de um sujeito-usuário vai ser configurado, apontando para a forma como o sujeito-usuário vai configurar seu perfil e fazer circular dizeres, tomando uma posição enquanto sujeito *bookstan*.

Também mostramos como esses sujeitos fazem circular sentidos constituídos por uma materialidade digital. Dessa forma,o perfil do sujeito-usuário *bookstan* também apresenta em seus dizeres a forma-discurso de escritoralidade, próprio de um espaço enunciativo informatizado como o Twitter. Essa forma discurso de

escritoralidade vai ser permeada pela repetibilidade, visibilidade e quantidade da circulação dos dizeres (GALLO; SILVEIRA 2021). Além disso, é importante salientar que, a partir desses dizeres, vai se constituindo uma memória discursiva sobre leituras e leitores fãs mediada pela tecnologia, que vai funcionar por parâmetros próprios, sem a regularização do Estado, além da produção de um discurso que ainda passará pelo processo de legitimação.

Ademais, temos o *booktwitter*, uma gíria formulada pelos sujeitos-usuários *bookstans* para determinar um espaço próprio dentro do Twitter. O *booktwitter*, dessa forma, vai ser uma maneira de encontrar sujeitos *bookstans* e de encontrar regularidades da formação discursiva fã-leitor do *bookstan*, delimitando um espaço abstrato onde vão circular outros sentidos. Assim, o Twitter, como espaço enunciativo informatizado, vai formular um espaço enunciativo dentro dele próprio: o espaço *bookstan*. Temos aí também um sujeito forjado tecnologicamente, em que suas práticas são permeadas pela midiatização, através da circulação e da formulação de seus dizeres.

Colocando um efeito de fim à discussão, mas nunca de fato encerrando-a, podemos levar em conta outros fenômenos que ocorrem em espaço enunciativos informatizados para pesquisas futuras. A noção de espaços enunciativos informatizados é atual para a Análise do Discurso e é interessante entender como esses espaços promovem uma ampla gama de possibilidades de interpretação, criando também outras posições-sujeitos e outros sentidos.

REFERÊNCIAS

BARROS, Renata C. Bianchi de. **Tecnologias de linguagem e existência: a escrita afetada pela materialidade digital.** Fragmentum, Santa Maria, n. 48. jul./dez, p. 175-189, 2016. Disponível em: >https://periodicos.ufsm.br/fragmentum/article/view/23301/15111<. Acesso em: 27/10/2021.

COURTINE, J-J. **Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos.** São Carlos: Edufscar, 2009.

GALLO, S. L. **Discurso da escrita e ensino.** Campinas: Ed. da Unicamp, 1992.

GALLO, S. L. . **Novas fronteiras para a autoria.** Revista Organon, Porto Alegre, n. 53, p. 53-64, jul./dez, 2012. Disponível em: >https://seer.ufrgs.br/organon/article/view/35724/23306>. Acesso em: 01/11/2021.

GALLO, S. L. . **Sobre a normatização vigilante dos discursos midiatizados.** 5° Simposio Internacional LAVITS - Vigilancia, Democracia y Privacidad en América Latina: Vulnerabilidades y resistencias. 29 e 30 nov, 01 dez. 2017. Santiago, Chile, p. 426-438.

GALLO, S. L. ; SILVEIRA, J. da. **Forma discurso de escritoralidade: processos de normatização e legitimação**. In: FLORES, Giovanna G. Benedetto (Org.). Análise de discurso em rede: cultura e mídia. 3° ed. Campinas: Pontes Editores, 2017, p. 171-194.

GALLO, S. L. ; PEQUENO, V. ; SILVEIRA, J. . **Normatização, Midiatização e Espaços Enunciativos Informatizados ou: O que torna possível o efeito de sentido de fakenews.** In: IX SEAD Seminário de Análise do Discurso, 2019, Recife. IX SEAD - Análise do Discurso e suas condições de Produção. Recife: UFPE, 2019. v. 1. p. 1-10.

INDURSKY, F. **Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise do Discurso.** In: MITTMANN, S; GRIGOLETTO, E: CAZARIN, E. A. (Orgs.) Práticas discursivas e identitárias: sujeito e língua. Porto Alegre: Nova Prova, 2008, p. 9 – 33.

MAGALHÃES, Belmira; MARIANI, Bethania. **Processos de subjetivação e identificação: ideologia e inconsciente**. In: Linguagem em (Dis)curso. Palhoça, SC, v. 10, n. 2, p. 391-408, maio/ago. 2010.

MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F . **Pesquisa social**: **teoria**, **método e criatividade**. 25. ed. rev. atual. Petrópolis: Vozes, 2007.

ORLANDI, E. P. **Análise do Discurso: princípios e procedimentos.** 5° ed. Pontes: Campinas, 2005.

ORLANDI, E. P.. **Língua e conhecimento linguístico: para uma história das ideias no Brasil.** São Paulo: Cortez, 2002.

PÊCHEUX, M. **Análise Automática do Discurso** (1969). In: GADET, Françoise, HAK, Tony (Org.). Por uma análise automática do discurso: Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3° ed. Campinas: SP. Editora da Unicamp, 1997.

PÊCHEUX, M.; FUCHS, Catherine (1975). **A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas.** In: GADET, Françoise, HAK, Tony (Org.). Por uma análise automática do discurso: Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3° ed. Campinas: SP. Editora da Unicamp, 1997, p. 163- 252.

PÊCHEUX, M.. **Papel da memória**. In: ACHARD, P. et al. (Org.) Papel da memória. Tradução e introdução José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, M.. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 3ª ed. Editora da Unicamp,1997.

SILVEIRA, J. da. **Análise discursiva da hashtag #onagagné: entre a estrutura e o acontecimento.** In: Anais do VI Seminário de estudos em análise do discurso. Porto Alegre, 2013. Disponível em: <http://analisedodiscurso.ufrgs.br/anaisdosead/6SEAD/SIMPOSIOS/>.